SECÇÃO ESPECIAL

Raimundo Girão

Dedicamos as páginas iniciais desta edição da REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ à memória do Historiador Raimundo Girão, Sócio Efetivo e Presidente de Honra da nossa entidade, que lhe ficou devendo inestimáveis serviços.

Deixou ele o convívio da família, dos consócios e conterrâneos em geral, todos admiradores de sua inteligência, cultura, cordialidade e prestatividade, como um dos homens mais dignos do Ceará, em 24 de julho de 1988, quando faleceu prestes a completar 88 anos, com lucidez e em atividade de estudo, pesquisa e elaboração de trabalhos, a serem acrescidos na sua vasta e valiosa bibliografia.

Justamente no dia em que completaria aquela idade — 3 de outubro —, o Instituto prestou-lhe homenagem, em concorrida sessão solene, a que compareceram a viúva, Dona Maria José Brasil Girão, os filhos e outras pessoas da família, entre elas os Drs. José Blanchard Girão Ribeiro, sub-secretário de Cultura, Turismo e Desporto do Governo do Estado, José Carneiro Girão, juiz de menores de Fortaleza, e Valdelice Carneiro Girão, professora da Universidade Federal do Ceará, além de amigos, admiradores e consócios.

O Presidente Dr. Antônio Martins Filho proferiu palavras emocionadas na abertura da sessão, que teve como orador oficial o consócio Geraldo da Silva Nobre, seguindo-se o discurso de Antenor Gomes de Barros Leal, da Academia Cearense de Letras, e, por último, o de agradecimento, pelo médico Célio Brasil Girão, filho do saudoso extinto.

Como parte da solenidade, a Imprensa Oficial do Ceará — IOCE — fez o lançamento de um número do mensário *D. O. Letras*, suplemento literário do *Diário Oficial*, dedicado à memória do inolvidável historiador, a quem se estava homenageando, com colaborações de vários sócios do Instituto, entre as quais a do Presidente Martins Filho.

A publicação foi apresentada pelo próprio diretor da IOCE, Dr. Irapuan Diniz de Aguiar, que teve assento à mesa da Unidade de Cultura Thomaz Pompeu Sobrinho, denominação do auditorio do Instituto do Ceará.

Precedendo à solenidade em apreço, realizada conjuntamente com a Academia Cearense de Letras, à qual também pertenceu o Dr. Raimundo Girão, encontrando-se presentes o Dr. Cláudio Martins, presidente, e vários outros sócios daquela prestigiosa entidade, fora feito o hasteamento das Bandeiras do Brasil, do Ceará e do Instituto na fachada do prédio, e, em seguida, inaugurado o retrato do homenageado em uma das salas principais, que passou a denominar-se Raimundo Girão, com elogio a cargo do consócio Eduardo Campos, cujo vibrante discurso fora muito aplaudido.

Como salientou o Presidente Martins Filho ao encerrar a solenidade, o Instituto do Ceará viveu uma das tardes mais memoráveis de toda a sua existência, conquanto nenhuma homenagem pudesse transcender do vulto imensurável da contribuição pessoal do Dr. Raimundo Girão às entidades a que pertenceu, com inexcedível préstimo, exemplar dignidade e incansável dedicação ao estudo, de modo a ficar para sempre lembrado, como se vivo fosse.

Encerrada a solenidade, os sócios do Instituto e da Academia Cearense de Letras cumprimentaram a família do Dr. Raimundo Girão, o mesmo fazendo os convidados, entre os quais o representante do Comando da 10ª Região Militar, o Dr. Francisco Edson Cavalcante Pinheiro, Ministro do Tribunal de Contas, órgão a que pertenceu o ilustre extinto, e outras autoridades.

Homenagem ao Presidente de Honra Raimundo Girão

Geraldo da Silva Nobre

"— A soma das coisas é a renovação perene, e os mortais vivem sempre em comunicação. Alguns se agigantam, outros desaparecem, e, num curto tempo, tudo o que é vivo se modifica, e, como os atletas olímpicos, entregamos a tocha da vida. — "

(*Lucrécio, De Rerum Natura,* II, 75)

Esta citação, com que iniciamos o discurso oficial da presente solenidade do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), de reverência à memória do seu inolvidável Sócio Efetivo e Presidente de Honra Professor Dr. Raimundo Girão, não foi escolhida ao acaso por nós, sobre quem recaiu o honroso e difícil encargo de consignar, para os presentes e os pósteros, a dimensão do homenageado, da pessoa e da personalidade nele encarnadas.

Da pessoa, dizemos, porque nós, seres humanos, somos, *de per si,* unidades da espécie, porém, diferentes dos demais, com um código genético próprio e resultados permanentes do determinismo ou do conformismo em relação ao meio natural e ao social.

Da personalidade, acrescentamos, porque alguns seres humanos reagem às determinações e às conformidades, projetando os seus valores em contribuições ao progresso e, por conseguinte, antecipando o futuro e aproximando-se da perfeição.

Para tanto, é necessário que à unidade orgânica do corpo corresponda a do comportamento, isto é, que as volições, as idéias e os atos procedam da consciência bem formada, com fundamento em fins elevados, em conhecimentos verdadeiros e em princípios de justiça.

A consciência do *dever*, que é função da *necessidade*, empolgou os seres humanos desde os primórdios de sua evolução, e dela surgiram a Religião e a Filosofia, voltadas, a princípio, para as tentativas de compreensão e explicação dos fenômenos naturais, pela dependência em relação a esses, naquele tempo.

Nenhum estudo poderá fascinar tanto quanto o das concepções religiosas e filosóficas, notadamente porque não ficaram limitadas à natureza das coisas, como fenômenos e interações, atingindo às propostas de comportamento dos seres humanos e aos projetos de organização da sociedade, mediante sistemas éticos e políticos, propensos a convergirem no Direito.

Bem menos conhecido que a gloriosa tríade da Filosofia helênica formada por Sócrates, Platão e Aristóteles, talvez mesmo perseguido pelos contemporâneos em função de suas idéias, Epicuro foi, possivelmente, o mais avançado em teses de reforma dos costumes e da sociedade entre os filósofos de todos os tempos, constando ter escrito mais de três centenas de tratados, inexplicavelmente destruídos, com a exceção de alguns poucos. Coube a Tito Lucrécio Caro, decorridos cerca de trezentos anos, coligir, para os estudiosos, os luminosos ensinamentos do pensador grego, expostos magistralmente em *De Rerum Natura*, poema do qual extraímos a citação com que iniciamos este discurso.

Apesar de considerado por H.G. Wells "... um dos mais agudos e inspirados escritores de ciência, ... espantoso homem... da qualidade de Leonardo da Vinci (também um italiano) ou de Newton..." *(História Universal, II*, tradução brasileira por Anísio Teixeira, publicação da Companhia Editora Nacional, de São Paulo, 1939, pág. 148), o próprio Lucrécio não mereceu dos pósteros a atenção devida, citado mais como poeta, de grande força de expressão, embora uma poesia de caráter filosófico e didático fluísse do seu gênio, a dar forma elegante e incisiva ao Epicurismo.

Em *De Rerum Natura* apreendemos um sistema de pensamento que nada tem a ver com o sensualismo dos falsos epicuristas, produto espúrio dos inimigos e adversários do mestre, a quem procuravam perder com calúnias, inspirando-se, talvez, no acontecido a Sócrates. Mais tarde, os críticos apres-

sados, pretensiosos ou preconceituosos, impuseram o estereótipo de um epicurismo caracterizado pela volúpia, concorrendo para o equívoco de se colocar Epicuro na legião dos filósofos materialistas, em desacordo com as matrizes de suas idéias, pois ele teve uma perspectiva ética, predominantemente, e, se combateu o panteísmo, para libertar o homem do temor aos deuses folclóricos e à morte, acreditou no Universo infinito em extensão e eterno em duração, além das insuperáveis limitações da matéria, por conseguinte.

Como personagem histórica, Epicuro foi, sob vários aspectos, o Marx da Civilização Helenística, porém, a sua filosofia não é a da dialética e da síntese, ensinando, ao invés disso, que a causa consiste na *soma das coisas* e o efeito na *renovação*, como expôs Lucrécio. Ainda, no Epicurismo, a comunicação entre os homens se opera pela *compreensão* e pela atividade, orientada para a consecução do *prazer*, que é a libertação do medo, e na qual uns se agigantam, enquanto outros desaparecem, mostrando-se incapazes de se realizarem.

O Epicurismo propugnava por um *homem privado*, o que significa a liberdade para sentir, pensar e agir, com a responsabilidade por suas criações e opções, e a possibilidade de atingir o *prazer em repouso*, mediante a permuta dos bens frágeis e perecíveis pelos insubstituíveis e duradouros, concepção igualmente generosa, tanto quanto a de uma justiça assentada na prudência e na temperança, na amizade e na benevolência.

Feita esta breve exposição, e sob o pretexto de que, se existe liberdade poética, deve haver, igualmente, uma licença retórica, diremos ter sido o Dr. Raimundo Girão um filósofo, aliás, como todo homem o é, pelo atributo da racionalidade, salvo quando subjuga a sua consciência, ou admite seja ela subjugada. Embora sabendo que homenageamos um cristão autêntico, e este qualificativo é suficiente para explicar a dimensão de sua personalidade, mas, fundamentando-nos em que religião e filosofia têm valores próprios, nem sempre aceitos harmonicamente, acrescentaremos a nossa conclusão, de acordo com a qual o Dr. Raimundo Girão viveu como um epicurista verdadeiro, somando e renovando, comunicando-se com os seus semelhantes na base da compreensão e do respeito e sentindo, pensando e agindo livremente, sem o temor dos falsos deuses e da morte.

Proclamando sua discordância com os filósofos estóicos, afirmavam os epicuristas que o *sábio* é um sábio, e não um *herói*, e foi como cidadão de uma república de personalidades

amantes da sabedoria que o Dr. Raimundo Girão viveu, atento à máxima de Epicuro:

"— Os temores e trevas da alma não há raio do sol ou claridade do dia que os dissipem, o que só o estudo da natureza e o lume da razão poderão fazer."

Evidentemente, o mundo moderno, de que o homem se julga o demiurgo, por considerá-lo produto de sua inteligência, pelo conhecimento adquirido e aplicação desse nas atividades produtivas, não tem a dimensão do antigo, muito menos a dos centros culturais da Ásia Menor e da Grécia, onde o pensamento helênico floresceu, exuberante. A concepção de vida, no entanto, rege-se, no presente, como no passado, pelas aspirações humanas de realização e atendimento de suas necessidades e, assim, será sempre objetivo comum de todas as repúblicas — a dos sábios e a dos heróis —, dando continuidade à experiência humana, história vivida e sintetizada pelos historiadores, com a obrigação de serem "os mais sábios dos sábios" e heróis unicamente a serviço da verdade, por seus juízos imparciais dos fatos passados e das personalidades neles envolvidas.

Além de notável historiador, aquele de quem reverenciamos a memória nesta solenidade personalizou a História, mormente como inspirador, organizador e primeiro dirigente, no Brasil, de uma Secretaria de Cultura, grandiosa conquista não apenas dos trabalhadores intelectuais — cientistas, escritores e artistas —, porque de todo o povo cearense.

A cultura não é privilégio, como pensam alguns, de plêiades literárias e de elites sociais, tendo o seu significado verdadeiro no comportamento a que aludiu John Cowper Powys, citado por Will Durant em *Os Grandes Pensadores*, tradução de Monteiro Lobato, publicação da Companhia Editora Nacional, de São Paulo — 1946, cap. III:

"— Onde a verdadeira cultura se mostra é na maneira de tratarmos os pequeninos, os fracos, os desprezíveis, os de espírito humilde... Não pode ser considerado culto quem não trate a todas as criaturas, sem uma só exceção, com o mais profundo interesse humano."

Usando, novamente, da liberdade retórica, diremos que o sistema filosófico de Epicuro consistiu, na verdade, em um culturalismo, embora, àquele tempo, os gregos proclamassem ser o único povo culto, qualificando aos demais de bárbaros, preconceito com o qual não estava de acordo, evidentemente, o genial pensador reformista celebrizado na gloriosa Atenas.

Cultura é, repetindo aqui o verso de Lucrécio, *renovação perene* pela *soma das coisas, comunicação* dos mortais entre si,

compreensão mútua, *vida*, enfim, que não pode ser entendida como a definiu o materialista Engels no *Anti-Dühring:* modalidade de existência dos corpos albuminóides.

Existir é apriorismo, viver implica na projeção das virtualidades humanas — volição, idéias e atos, por conseguinte, na pessoa e na personalidade, na cultura e na história, cujos fundamentos não são exclusivamente materiais.

O Brasil continua a figurar entre os países cujos povos têm um nível cultural pouco expressivo, apesar da criatividade e inventividade dos brasileiros, tão desaproveitadas pela falta de estímulo e de apoio de um mecenato esclarecido e de um governo responsável. avultando, por conseguinte, a inavaliável contribuição do Dr. Raimundo Girão ao concretizar após cerca de vinte anos de frustrações, mas não de desânimos, o ideal de uma Secretaria de Cultura, conquista de cuja manutenção os intelectuais cearenses jamais deverão prescindir, em benefício menos deles que do povo, considerando ser o progresso o fim colimado e os valores culturais a consubstanciação dele.

Reconhecemos que esta homenagem póstuma ao Dr. Raimundo Girão é de todos os cearenses, e não somente do Instituto do Ceará, que, no entanto, muito deve a tão ilustre Sócio Efetivo e Presidente Honorário, por ter sido ele dos mais atuantes e prestimosos integrantes do quadro social, no decurso de mais de quarenta e cinco anos, desde o ingresso, em 1941, até às vésperas do falecimento. Sua presença constitui sempre honra e prezer, como a de um homem verdadeiramente culto, inalteravelmente atencioso e amigo, a revelar, na sua personalidade, a tendência acentuada para o equilíbrio, para o *prazer em repouso,* como ensinava Epicuro, a filosofia de vida de um verdadeiro sábio, manifestada em todas as ocasiões e circunstâncias, a começar da vida familiar.

Faremos, a este último respeito, uma inconfidência, que é a de um julgamento de parte de outro inolvidável companheiro deste Instituto, infelizmente já falecido também, o General Doutor Carlos Studart Filho, com quem convivemos diariamente e ele nos honrou com a sua confiança, abrindo-nos muitas vezes o coração, também de sábio. Em uma delas disse-nos não ignorar que alguns consócios comentavam ter ele inveja do Dr. Raimundo Girão, a quem hostilizaria. "É verdade — confessou —, tenho inveja do Girão, mas não como historiador e escritor. Invejo a felicidade doméstica dele, com a Marizot e os filhos, felicidade que perdi", revelando, com estas palavras, toda a amargura por um casamento quase desfeito,

pela separação, porém honrado por até o falecimento da esposa.

Acrescentou o General Dr. Carlos Studart Filho, então Presidente deste Instituto, que o Dr. Raimundo Girão e família demonstravam-lhe verdadeira afeição e, por isso, jamais se perdoaria se, deliberamente, viesse a cometer alguma hostilidade ao consócio de que falamos, tendo, neste momento, retirado da gaveta, para mostrar-nos, atencioso cartão de votos de felicidades no Natal e no Ano-Novo, por ele recebido alguns mses antes, com as assinaturas *Girão* e *Marizot.*

Consultados pelo Sr. Presidente Martins Filho para fazerem esta saudação, escusaram-se alguns consócios, afirmando que a emoção lhes embargaria a voz e as lágrimas lhes dificultariam a leitura, consternados todos, pelo falecimento de tão insigne consócio e dileto amigo. Foi instado o orador a esta honrosa, porém difícil incumbência, com o argumento de ser conterrâneo do Dr. Raimundo Girão, nascido, também, no Município de Morada Nova. Não obstante esta origem comum, de quem bebeu, na infância, a água do Banabuiú, e os laços de parentesco meio distante, através da descendência dos primeiros povoadores daqueles rincões do Ceará, nossa convivência limitou-se à participação no Governo do Dr. Plácido Aderaldo Castelo, outro varão digno do elogio de um Plutarco e também consócio infelizmente falecido, e às reuniões deste Instituto em dois períodos descontínuos. Não nos faltou, porém, o estímulo do Dr. Raimundo Girão para que nos dedicássemos à História, nem o julgamento benevolente de nossa contribuição, e seria injusto, de nossa parte, não expressarmos, neste ensejo, o reconhecimento devido.

Tivemos o contentamento de visitar, uma vez, quando o nosso homenageado e família recepcionavam alguns amigos, o recanto bucólico do Passaré, onde ele não somente recuperava as energias como restabelecia o equilíbrio, pois o ser humano deve estar em comunicação tanto com os semelhantes quanto com a natureza. O todo harmônico da personalidade do Dr. Raimundo Girão pode ser atribuído a esse convívio, primeiro na terra natal, onde o sertão adusto ensina a sobriedade e a temperança, depois na serrana Maranguape e no ameno Passaré, cuja beleza infunde harmonia e felicidade, algo paradisíacas.

Quem acompanhou a agonia do Dr. Raimundo Girão, de cerca de um mês, admirou-se de sua resistência, devida menos ao vigor físico do que à fortaleza do espírito, liberto, como estava, do *medo da morte,* pela paz de sua consciência, de haver cumprido todos os deveres, conquanto desejando concluir tra-

balhos iniciados. Talvez recitasse baixinho, naquele momento supremo, estes versos de Walt Whitman, o incomparável poeta estadunidense:

" — Converto-me em pó a fim de crescer nas plantas, que amo.

. . . . . .

Se queres voltar a ver-me procura-me sob teus pés.

. . . . . .

Se não conseguires encontrar-me não desanimes.
O que não está em um lugar está em outro.
Em algum estarei à tua espera."

Repetindo: nós, seres humanos, não existimos apenas. Verdadeiramente, somos, naquilo que *somamos* e *comunicamos*, ou *compreendemos* — sentimentos, idéias e atos, cuja consistência está em relação com a liberdade pessoal de aceitar valores transcendentes dos limites da existência, por se referirem à vida, pela qual nós existimos assim como todos os outros seres existem, independentemente do tempo, do espaço e de tudo quanto é acidental, ao invés de essencial.

A morte é contingência do nosso corpo, que ela destrói reconvertendo em pó toda esta maravilhosa máquina de sentir, pensar e agir, mas não extingue a vida, cuja tocha, na expressão de Lucrécio, em *De Rerum Natura*, citada, entregamos a outros, como atletas olímpicos.

Ao contrário da existência, que tem o seu limite fixo, a vida é universal e eterna, apenas sofre modificações, passando, com a morte do corpo, ao estado puramente anímico, ou de espírito, como Epicuro não pôde compreender por serem os deuses gregos criações de inteligências dominadas pelo temor em relação a fenômenos naturais por elas incompreendidos. Tentaram o mestre e seus discípulos — os epicuristas, desvendar-lhes o segredo, substituindo os trabalhos dos falsos demiurgos pela fascinante teoria do *azar*, afastando-se, também nesse ponto, do materialismo, sempre determinista.

Vivo continua o Dr. Raimundo Girão onde exercitou o seu ministério infundindo valores indestrutíveis: no lar que constituiu, e foi esposo fiel e pai dedicado e compreensivo; na Faculdade de Ciências Econômicas e na Escola de Administração do Ceará, onde lecionou com esmero; na Prefeitura Municipal de Fortaleza, a que serviu, como titular e secretário, com grande zelo pela coisa pública; no Tribunal de Contas do Estado,

lembrado por pareceres bem fundamentados e isentos de qualquer parcialidade; no Conselho Penitenciário, reconhecido por sua solicitude em atender aos pedidos de livramento condicional dos detentos de boa conduta; na Secretaria de Cultura e no Conselho Estadual de Cultura, cuja existência lhe é devida.

Vivo continua o Dr. Raimundo Girão nas entidades a que pertenceu — no Rotary Clube de Fortaleza, do qual foi um dos fundadores; na Academia Cearense de Letras, cuja presidência exerceu com aprumo e eficiência; e neste Instituto do Ceará, indubitavelmente a mais prestigiada por suas atenções e preocupações.

Este é o nosso agradecimento, extensivo à família, que tão bem compreendeu os motivos do Dr. Raimundo Girão em partilhar sua vida com esta e outras entidades.

Ele foi dos que, na comunicação com os semelhantes, se agigantaram, e não desapareceram, e a quem se pode aplicar a sentença do Doutor Angélico Tomás de Aquino, em Comentário à Ética de Nicômaco:

" — O sábio ama e honra a inteligência, que entre todas as coisas humanas é a mais agradável a Deus."